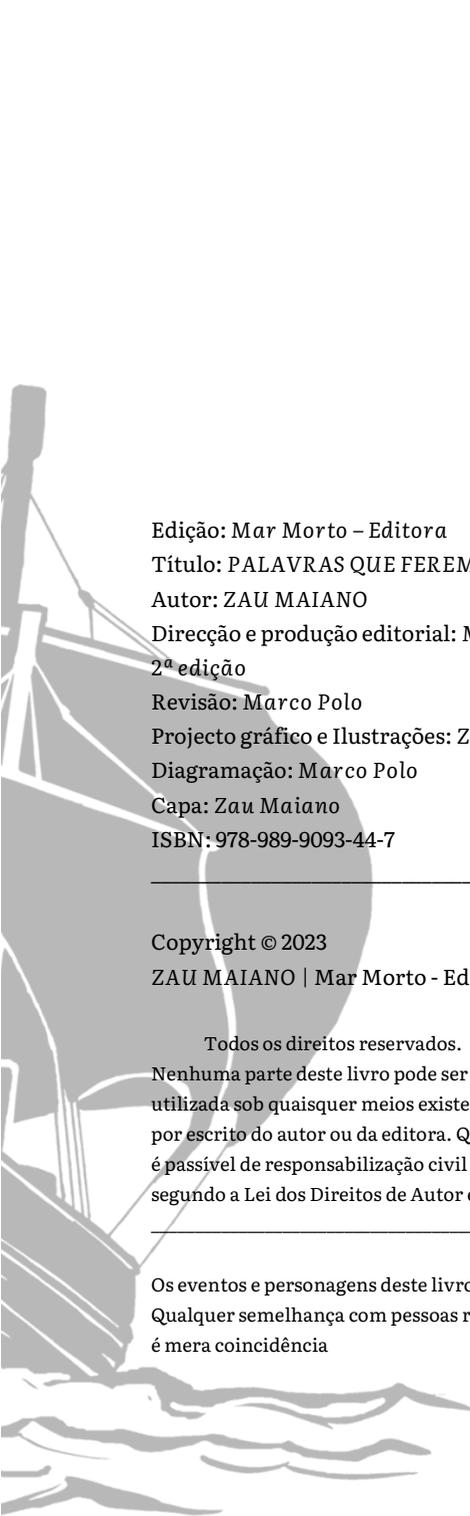


PALAVRAS QUE FEREM, MATAM E OUTROS CONTOS

ZAU MAIANO



**PALAVRAS
QUE FEREM,
MATAM E
OUTROS CONTOS**



Edição: Mar Morto – Editora

Título: PALAVRAS QUE FEREM, MATAM E OUTROS CONTOS

Autor: ZAU MAIANO

Direcção e produção editorial: Marco Polo

2ª edição

Revisão: Marco Polo

Projecto gráfico e Ilustrações: Zau Maiano (Bing Image Generator)

Diagramação: Marco Polo

Capa: Zau Maiano

ISBN: 978-989-9093-44-7

Copyright © 2023

ZAU MAIANO | Mar Morto - Editora

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou utilizada sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor ou da editora. Qualquer uso indevido deste conteúdo é passível de responsabilização civil e criminal, segundo a Lei dos Direitos de Autor e Conexos.

Os eventos e personagens deste livro são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência

*Dedico esse livro a todos que puderem
ler ou ouvir um ou outro conto
contido aqui.*

“Contem histórias, verdadeiras ou inventadas, fazem bem. Contem histórias. As crianças agradecem!

Contar histórias aquece alma, cria e fortalece os vínculos de afecto. Quem escutou uma história (estória) em algum momento de sua vida, jamais se vai esquecer, pois, por mais simples que seja a narrativa, a mensagem transmitida sempre vai encontrar um lugar onde vai se acomodar e fazer morada, e quando se fizer necessário a memória afectiva a traz de volta e dessa maneira será possível viver e ouvir tudo de novo algo que já nos é familiar, e conhecido, que pode nos trazer conforto, carinho, abrigo e sorrisos.

Começando com *era uma vez...* e nos dando a certeza que no final todos ou quase todos acabarão felizes para sempre!

Conto histórias porque acredito nos laços de afecto... no calor que aquece a alma de quem conta e de quem escuta... histórias que de tão verdadeiras parecem inventadas e que de tão inventadas parecem verdadeiras.

Por favor, contem histórias!”

— Marco Polo, in O CONTADOR DE CONTOS

Sumário

Palavras que ferem, matam

Tamarindos mortos

Estou a vir de kigali a pé, avião tá difícil

Às vezes, acho boa ideia não ter um cão

Um conto diferente

Numa sexta-feira – de azar

Numa sexta-feira – noite complicada

Laços perigosos

Agradecimentos

Sobre o autor

Mar Morto - Editora

Palavras que ferem, matam



Sanza Pombo - Uíge, Angola

Novembro de 1958

Mesmo em pleno cacimbo, o ar parecia abrasador para aqueles que apenas observavam de fora, criando uma agitação em torno da cabana de pau-a-pique, entre jovens e adultos. Para os mais jovens, a ideia de um ser sair de dentro de outro sempre parecia estranha, enquanto os mais velhos, despreocupados, viam isso como uma inevitável consequência da maturidade.

— A sorte esteja do nosso lado — murmurou a mulher em trabalho de parto, com a voz trémula, lágrimas escorrendo dos olhos e a respiração entrecortada. Tristeza que outros abortos e a morte prematura de filhos já haviam deixado como cicatrizes profundas. O medo da perda pairava sobre aquele momento.

A seu lado, a avó materna, figura de poucas palavras e menos simpatia, demonstrava o seu desdém pelas parteiras que entravam e saíam, numa dança aflita. O parto era difícil mas, a velha parecia desprovida de emoções, sem entusiasmo ou preocupação visível.

Do lado de fora da cabana, as pessoas esperavam ansiosas, murmurando entre si. Alguns já haviam perdido a esperança, outros eram contaminados pela agitação das parteiras que entravam e saíam. Ninguém sabia ao certo o que acontecia no interior da cabana.

Após seis horas angustiantes, marcadas por complicações, dor e profundo pavor, ecoaram gritos de alívio das parteiras, seguidos pelos choros de bebês que, ao chegarem ao mundo, eram, segundo a crença popular, manchados pela maldade.

Os que aguardavam do lado de fora, ouvindo os choros dos bebês, acreditavam que tudo tinha corrido bem. Mantiveram-se em silêncio, conforme a tradição, aquele era o momento para a avó materna entoar o seu cântico.

— Deixem-me ver! Deixem-me ver! — gritou a avó, empurrando agressivamente as parteiras. Ao chegar perto e ver seus netos nos braços da filha, ela fez uma careta de horror, como se tivesse visto criaturas grotescas, algo que não transparecera durante o tenso trabalho de parto.

— Ah, não! Não! De modo algum! — resmungou a velha ranzinza, deixando clara sua insatisfação e desilusão no rosto antes de se afastar.

A recém-mãe, sem compreender a razão daquela atitude, começou a chorar. O que a avó materna dissera ao ver seus netos recém-nascidos deixou todos na cabana e os que estavam do lado de fora perplexos, sem compreender as razões por trás daquelas palavras.

Abanando a cabeça, a avó materna retornou à filha e disse:

— Que erro grave foi esse? Você teve gêmeos e agora, quem cuidará deles? Você? Sozinha? Eles dão muito trabalho, minha filha! Um já é castigo. Agora, imagine dois!

O silêncio envolveu a todos, enquanto absorviam as palavras que causavam tristeza.

Após proferidas tais palavras, um dos bebês parou de chorar, virou lentamente a cabeça em direção à avó materna e fechou os olhos, como se estivesse se despedindo. Após esse gesto, a recém-mãe percebeu que o batimento do coração do bebê cessara e começou a chorar amargamente.

O povo marcou a maior árvore da aldeia com um recado profundo, ao ver que um bebê partira deste mundo devido às palavras cruéis. Foi daí que surgiu o ditado:

“Palavras que ferem, matam!”

Tamarindos mortos



O saco preto

— Ouve o que te vou dizer, ali habita um mal, tem bruxa — disse Aluana Nvita.

Aluana Nvita era meu amigo, vizinho e colega de escola. Apaixonado por mitologias, assumia-se como um verdadeiro fanático. Os assuntos relacionados com deuses e seres estranhos sempre o fascinaram.

— Cala-te, tu acreditas em tudo o que te dizem.

— A minha tia disse que ali habita um mal, ela não mente. Acredito no que ela diz.

— Eu gosto de provas, tenho de ver para acreditar.

— Não achas estranho o tamarindeiro só dar tamarindos estragados? Devem ter lançado bruxedos nesta árvore — insistiu Aluana Nvita.

— Bem, não tenho uma fotografia para mostrar, mas tenho uma prova, não é das mais comuns, mas é uma prova.

— Então mostra, simples!

Entrou a correr em casa, emocionado. Fiquei lá durante uns minutos e voltou aos saltos com um saco preto na mão, dizendo:

— Vamos para ali, temos de ser rápidos. Minha mãe não pode descobrir que tenho isto guardado. Minha tia disse que ela ficará zangada se descobrir.

Estávamos a abrir o saco, e eu estava com muita desconfiança, Aluana Nvita nem tanto. Espreitei para dentro do saco e tomei um ligeiro susto. Vi algo estranho, com um formato quase oval, desconhecido para mim.

Decididos a matar a curiosidade, abrimos o saco de uma vez.

— O que é isto? — questionei desconfiado.

— Minha tia disse que isto é coisa de bruxa. Percebes? — Respondeu Aluana Nvita, olhando para o objeto estranho.

— Calma, calma... Isto é a bruxa? Ham? — questionei intrigado.

— Não, pateta, isto é o que sai de uma bruxa depois de comer — respondeu com uma gargalhada.

Larguei o saco, enojado, afastei-me, fui cheirando e esfregando as mãos na t-shirt, olhei para ele enquanto ele ria descaradamente.

— Agora já acreditas em mim?

— Claro que não, isto é lixo e nada mais, isto não é prova de nada — respondi, nervoso.

— Ok, então será assim. Amanhã vens e vamos vigiar, porque sozinho não me atrevo — propôs Aluana Nvita.

— Ok, combinado. Só não me faças perder tempo.

— Está bem. — Respondeu Aluana Nvita, sorrindo!

Um ato de bravura

Eram 18h e não sei quantos minutos. Eu estava à porta da casa de Aluana Nvita. Parei por um momento, a pensar e a olhar para o tamarindeiro espesso que estava na parte de trás da casa. Pela altura, era possível vê-lo a partir da rua. Não demorei muito a observar e bati à porta.

— Chegaste cedo, muito cedo. — disse Aluana Nvita, abrindo a porta.

— Vim para te fazer ganhar vergonha na cara, mentiroso — respondi, entrando e empurrando-o pelo ombro.

Ficamos na varanda da casa, a olhar para a árvore enquanto esperávamos pelo anoitecer.

— Mais 10 minutos para as 19h. Vamos manter-nos em posição. Pega nessa vara, eu tenho esta chave de fendas do meu pai — disse Aluana Nvita enquanto preparávamos o nosso equipamento.

— Eu tenho uma lanterna. Vamos precisar — falei.

Ficamos sentados um pouco afastados da árvore. No quintal, éramos apenas nós, o medo e o vento que dava vida a cada objeto, pregando-nos sustos. Após muito tempo de espera...

— Aluana Nvita, vamos embora. Olha para o relógio. Isto é uma palhaçada. Não há nada aqui — falei, levantei-me, tirei a poeira das minhas calças e comecei a caminhar em direção à varanda para pegar a minha pasta e ir embora.

Após dar uns passos, ouvi o barulho de um tronco seco caindo e quebrando no chão. Os ramos da árvore moveram-se, fazendo um barulho que passava de galho em galho, parecendo aproximar-se cada vez mais para baixo.

Deve ser o vento, pensei.

Aluana Nvita, que ainda estava sentado, olhou para mim. Olhei para ele de volta, assustados, e corremos... corremos muito. O quintal da casa de Aluana Nvita era grande.

Chegamos à varanda. A porta estava trancada. Tentamos forçar. O quintal estava escuro, e a árvore ainda mais escura. Não era uma noite com lua visível. Aluana Nvita bateu na porta desesperado.

O barulho na árvore estava cada vez mais próximo do chão. Até que ouvimos um barulho brusco, como se algo pesado tivesse sido deixado cair. Olhamos assustados para a árvore, os nossos olhos molhados de lágrimas não conseguiram discernir claramente o que era devido à escuridão. Mas era algo negro, mais sombrio do que a própria noite. Aluana Nvita gritou pelo nome do seu pai. A sensação era angustiante.

Lembro-me de ter fechado os olhos e começado a rezar. Sentimos que aquilo que desceu da árvore estava cada vez mais perto...

Ouvimos um barulho na porta, um barulho brusco. Era o pai de Aluana Nvita. Ele abriu a porta e saiu furioso para o quintal. Lembro que nos levantamos e corremos para dentro. O pai de Aluana Nvita, um militar reformado, tinha uma caçadeira na mão. Encarou a criatura estranha que avistamos e berrou:

— Quem está aí? Saia já do meu quintal!

A figura estranha permaneceu parada, encarando o pai de Aluana Nvita. Sem mais aviso, disparou para o ar. Assustada, a criatura foi em direção à árvore, tentando escapar. Outro tiro foi disparado, com a intenção de matar.

Para a criatura, qualquer tentativa de escalar a árvore era inútil. Ela caiu e ficou deitada no chão, respirando de forma que nunca tinha ouvido antes, emitindo um som estranho e incompreensível.

Ilusão de ótica

Finalmente, amanheceu. Eu e Aluana Nvita estávamos dentro de casa, acordados desde a noite anterior, sentados no chão da sala. Não falávamos. Ouvíamos vozes do lado de fora, mas com dificuldade, pois a vizinhança curiosa tinha-se reunido no quintal dele.

— Vamos sair. Quero ver o que era aquilo — sugeri após muito tempo de silêncio.

— Não. Eu quero esquecer isso — disse Aluana, receoso.

— Deixa de ser mimado. Já são 6h, e há pessoas lá fora — falei, sorrindo.

— Vamos ver e voltar logo. Não quero ter aquilo gravado na memória. Sério! — disse Aluana, com medo.

Finalmente, saímos. O quintal estava cheio, e até a polícia tinha chegado. Passamos despercebidos, empurrando as pessoas para alcançar a árvore. Quando chegamos perto, vimos sangue no chão, um gorila morto com uma bolota na mão e outras duas no chão.

Estou a vir de kigali a pé,
avião tá difícil



Golf 1 - Luanda, Angola

8 de outubro de 2005

Em tempos idos, Angola viveu uma era em que a emoção se insinuava na pele, o entusiasmo pulsava como algo tangível, e as pessoas expressavam sua felicidade com uma transparência genuína. Pode parecer que assim era, ou talvez fosse mesmo.

Naquela época, a 'internet' ainda não fazia parte do nosso cotidiano, ou talvez a minha família fosse demasiado desprovida de recursos. Mesmo sem publicações ou tecnologias avançadas, era possível sentir o frenesim que percorria o país, palpável nas vibrações e nas ondulações que as pessoas criavam, nos relatos que ecoavam pelo rádio ou pelo televisor analógico *Sharp*... reforço, em todo o país. O entusiasmo não conhecia limites de idade; todos se deixavam encantar.

E foi num dia assim, em que um evento de importância inigualável estava prestes a acontecer, que na minha casa, meu pai sintonizou o famoso rádio *Simba*. Meus irmãos, exultantes, entravam e saíam, como se fosse uma festa coletiva, um alvoroço constante de um lado para o outro... Naquela época, colocávamos a televisão numa mesa artesanal no

quintal, alinhávamos cadeiras para todos os que se quisessem juntar à celebração.

Nem mesmo o aroma da comida da minha mãe podia rivalizar com a emoção que nos impelia. Sem sistema de iluminação no quintal, a televisão, a lua cheia e um fogareiro criavam um mágico jogo de luzes.

— Não vou ver o jogo aqui — exclamou Loy, emocionado, enquanto vestia a camisola da seleção e se apressava a sair do quintal. Surpreendidos, voltamos nossos olhos para a porta que ele deixara entreaberta ao sair apressadamente.

Deve estar a ir ver o jogo com os amigos — pensei. Enquanto isso, meus outros irmãos corriam sem rumo pelo quintal...

— Ei! O jogo já começou há um tempo, não estão a ver? — gritou um dos meus irmãos. As crianças, particularmente, não se preocupavam em acompanhar a partida; estavam contentes com a algazarra dos mais velhos. Eu era parte dessa pequenada, não da que corria desenfreadamente pelo quintal, mas apenas uma criança.

A segunda parte do jogo já estava em andamento, e só os adultos faziam comentários ou reclamações...

Não prestei muita atenção à partida em si, mas houve um relato próximo do final que prendeu a atenção de todos:

... Zé Kalanga domina a bola

... vai para cima do adversário

... procura Akwá

... Pedro Mantorras

... a insistência... agora a procura do capitão

Akwá

... Zé Kalanga em diagonal

... joga com o Pedro Mantorras

... Zé Kalanga corre aqui pro lado direito

... vai tirar o cruzamento

... Akwá dá uma cabeçada

... e é gooooooooool de Akwaaaaá

... gooooooooool!

... gooooooooool!

Nesse instante, sentimos um movimento brusco no quintal, ficamos assustados, mas logo percebemos que era o Loy. Ele estava suado, parecia exausto demais. Aproximou-se de nós, com as costas curvadas e a cabeça baixa por um momento. Surpreendidos, olhamos para ele, e antes de conseguirmos dizer qualquer coisa, ele levantou a

cabeça, olhou para nós e, com as mãos na cintura, começou a falar fazendo pausas e suspirando:

— Eu... eu estou a vir de ki... estou a vir de kigali... eu, estou a vir de kigali a pé... — Parou por um instante e sorriu — eu, estou a vir de kigali a pé, avião tá difícil – Sorriu novamente, com os olhos cheios de emoção.

Às vezes, acho boa ideia
não ter um cão



Por hoje, é suficiente! Refleti. Com um movimento cuidadoso, pousei a caneta na mesa, descalcei os chinelos e, em silêncio, ergui-me da cadeira. Eram 23h, e a casa estava mergulhada num silêncio, todos já estavam recolhidos.

Mesmo usando auriculares, conseguia perceber o latido da cadela da casa vizinha, um som que ecoava sempre que ela pressentia a presença de um gato nas proximidades. Também podia ouvir uma suave melodia emanando da televisão, mas o volume estava baixo.

Dirigi-me à cozinha com passos furtivos. Abri o frigorífico foi um ato automático, embora eu não estivesse com fome. Peguei a tigela com metade do mamão que tinha deixado na mesa na manhã anterior e coloquei-a com cuidado em cima do tampo.

No entanto, um pensamento rápido atravessou a minha mente:

Não, isso pode sujar a toalha de mesa.

Com essa ideia, levei a tigela até ao balcão, cortei uma fatia e comecei a comer. Subitamente, um ruído rompeu o silêncio, como o som de uma lâmpada quebrando. Sobressaltado, retirei os auriculares, paralisando-me no lugar, sem mexer um músculo.

Fiquei ali, imóvel, durante três longos minutos, observando os cantos da sala com olhos inquisidores. Outro barulho surgiu, desta vez, semelhante ao som de um pneu de carro esmagando folhas secas acumuladas. A tensão cresceu, e o calor começou a inundar o meu corpo, o nervosismo apoderou-se de mim. Silenciosamente, aproximei-me, avançando três passos na direção da porta de acesso à cozinha. Mantive-me atento, observando cada som.

Outro ruído ecoou, desta vez assemelhando-se ao som de uma folha sendo arrastada sobre o chão de cimento. Num instante, avistei uma sombra, mas era impossível identificar o que a projetava, pois, a figura aparecia e desaparecia. O meu coração batia cada vez mais rápido, eu queria gritar, mas estava sem voz, preso pelo medo, com as pernas trémulas, incapaz de mover-me.

Então, ouvi mais sons cada vez mais próximos, e um sobressalto fez-me erguer a faca instintivamente, numa postura defensiva. Nesse momento, meu pai entrou na cozinha.

— Vira isso, rapaz! Ainda acordado a esta hora?
— perguntou, com um tom irónico, rindo da minha reação.

— Sim, mas só vim comer alguma coisa! Hoje, não vou dormir tarde, prometo — respondi, com um sorriso débil no rosto.

— Está bem! Sabes que as crianças devem ir para a cama cedo, não é? Isso é importante para o teu crescimento — ele riu novamente. — Eu vou já. Vai dormir, rapaz! — continuou enquanto se dirigia ao seu quarto.

Fiquei a refletir sobre tudo o que acontecera por algum tempo. Nunca tinha sentido tanto medo. Decidi então voltar ao meu quarto. No corredor, olhei na direção da sala e notei que a lâmpada do centro balançava, piscando ocasionalmente. Fixando o olhar nela, levei um susto quando voltei a ouvir o barulho, agora vindo do meu quarto. A porta estava entreaberta.

O barulho persistia à medida que me aproximava. Empurrei a porta suavemente e, ao entrar, deparei-me com a ventoinha ligada, folhas A4 espalhadas pelo chão e o meu cão, que estava ali, rasgando algumas folhas com as patas, saltando sobre elas e roendo outras com a boca.

Fiquei a observá-lo por um momento e, ao tentar aproximar-me, voltou-se na minha direção e latiu agressivamente. Nesse instante, espantei-me do

sono assustado. Olhei para a poltrona e vi o meu cão dormindo tranquilamente.

Não havia folhas espalhadas pelo chão. Contudo, novamente, ouvi sons semelhantes ao de folhas sendo amassadas.

Deve ser apenas outro pesadelo — pensei, apavorado, uma vez que vivia sozinho.

Um conto diferente



Como era habitual, encontrávamo-nos na frente da nossa modesta moradia. Eu nunca dispensava um jornal enquanto me acomodava na cadeira para relaxar, enquanto ela preferia sentar-se nos degraus da pequena escadaria, meditando sobre questões que nunca ousara questionar...

De repente, a neblina fez-se presente...

— Não devemos preocupar-nos, é apenas neblina — disse em voz alta, tentando chamar a atenção de Rossana, mas ela parecia imersa em seus pensamentos mais profundos.

A neblina deixou de ser apenas isso; intensificou-se e transformou-se em chuva, com gotas d'água nos atingindo, molhando nossas vestes. Levantei-me prontamente para abrigar-me dentro de casa, mas ao que parecia, ela não tinha percebido a chegada da chuva, ou talvez não a considerasse preocupante... continuava absorta em seus pensamentos.

— Precisamos entrar antes que fiquemos encharcados — disse, segurando sua mão para que ela percebesse minha preocupação.

Ela olhou para mim, assustada, sem proferir sequer uma palavra, levantou-se e, finalmente, entramos.

Ela sempre foi contemplativa, mas hoje estava estranhamente distante. Refleti sobre isso enquanto acendia os candeeiros. Pouco tempo depois, dobrei o jornal e escolhi sentar-me no sofá.

— Estar aqui dentro é muito melhor do que lá fora, desprotegidos e expostos... Deus me livre! — e depois de tanto tempo, proferiu essas palavras, abraçando a si mesma de forma insegura.

Em seguida, afastou-se da janela, fechando as cortinas. Não o fez de forma brusca, mas aparentemente, estava se culpando por algo, pois logo as abriu novamente.

Ela falava sozinha, e nos momentos em que não recitava palavra alguma, ficava em frente à janela envidraçada, observando as pessoas que apressadamente passavam, fugindo da chuva. Era evidente pelo som dos passos e pelas vozes apressadas.

Mas se estar dentro de casa, aconchegados, era melhor, qual seria a razão para tanta meditação? — perguntei-me.

Então, o vento começou a soprar mais forte, e ela deu um grande salto, colocando as mãos sobre a cabeça como se algo terrível tivesse acontecido. Nesse instante, não pude mais me conter e deixei de apenas observá-la. Fui abraçá-la na esperança de que fosse

apenas o susto causado pelo barulho do vento. Ela retribuiu o abraço e começou a chorar amargamente.

Tentei afastá-la para poder olhar em seus olhos e entender o motivo de tanto drama. Ela olhou-me profundamente e disse:

— Dói-me ver um ser sem abrigo!

Indagado, pedi que ela fosse mais clara. Ela olhou-me novamente, com um sorriso triste, enxugando as lágrimas com vergonha. Segurou minha mão e levou-me até a janela, apontando na direção de alguns objetos amontoados, que pareciam ser pedaços de metal, formando uma espécie de abrigo triangular. Então, disse:

— Amor, sei que és alérgico a cães, mas não podemos deixar aquele pobre animal morrer!

Fiquei a refletir por um momento sobre o que ela tinha estado a pensar, e sinceramente, foi surpreendente quando percebi o quão profundamente ela havia sido comovida ao ver um animal sem abrigo. Isso tocou-me de maneira igualmente profunda, e acabei por conceder o seu desejo.

Numa sexta-feira – de azar



— Hoje é sexta-feira, hoje é sexta-feira, hoje é sexta-feira! — Giovane Akimpa exclamou, ansioso e sorridente.

Nós éramos estagiários na *Solutions Dynamiques*, uma empresa francesa que apostava, sobretudo, em jovens sem experiência, com o principal objetivo de financiar projectos dos colaboradores. Já estávamos há duas semanas naquele escritório.

— Sabes que dia é hoje? — ele girou a sua cadeira na minha direção, um sorriso iluminando o seu rosto enquanto fazia a pergunta.

Olhei para ele e sorri, mas secretamente pensei:

— Ele deve ser maluco! Voltei a minha atenção para o monitor. Ambos éramos desenvolvedores de ‘software’ e, para minha desgraça, tínhamos de trabalhar na mesma *startup*. Isso, por si só, já era stressante, mas suportar alguém assim era demais.

— Pessoal, hoje vamos sair mais cedo. Vai haver uma desinfeção no edifício — anunciou o CTO da empresa, um francês magro, calvo, com um sotaque francófono, mas bem familiarizado com o português.

— Sairemos às 14h. A desinfeção começará às 16h. Desejo a todos um bom final de semana e nada de excessos, ‘*mes amis*’ — sorriu antes de sair pela porta.

Eram 13h30 e a maioria dos colegas já estava arrumando suas coisas. Enquanto isso, decidi aproveitar o tempo que me restava.

(...)

— Ei, hoje é sexta-feira, acho que estás a exagerar nisso — Giovane Akimpa falou mais uma vez.

Eu estava com os auriculares, fingi não ouvir e continuei a olhar para o meu monitor.

De repente, senti um estrondo, a palma da mão dele batendo na mesa e repetindo: — Relaxa! relaxa! — Dessa vez, olhei para ele com uma expressão irritada.

— Ok, vamos lá — respondi, olhando ao redor e percebendo que o resto já tinha ido embora.

— Acho que nunca me apresentei...

— Eu sei quem és, Giovane Akimpa. Agora vamos sair daqui. Já são 15h — respondi rindo, interrompendo o seu discurso, e caminhei em direção ao elevador.

— Eu não sabia que era tão famoso assim — ele disse, sorrindo. Preferi não responder.

— Tu entendeste? — Giovane Akimpa perguntou.

— Nem todas as perguntas têm resposta, algumas porque não compreendemos, outras porque não ouvimos ou simplesmente porque não queremos responder — disse e calei-me de imediato. Ele olhou para o lado, parecendo refletir sobre o que tinha ouvido.

Quando chegamos ao elevador, apertei o botão, mas nada aconteceu.

— Vamos descer pelas escadas. Às vezes o elevador fica assim, mas o do primeiro andar deve funcionar — sugeriu Giovane. Descemos e chegamos ao primeiro andar.

— Hoje nada funciona... — murmurei, aborrecido, enquanto pressionava repetidamente o botão do elevador no primeiro andar.

— Teremos que descer mais uma vez — disse Giovane Akimpa. Ele estava notavelmente calmo desde a minha observação anterior.

— Um minuto..., acho que tive uma ideia melhor — ele falou enquanto se dirigia para a varanda do primeiro andar e ficava a olhar para baixo.

Aproximei-me da varanda e perguntei:

— O que se passa?

Ele olhou para o lado, afastou-se e disse:

— Vê por ti mesmo.

Curioso, aproximei-me e vi apenas o quintal de uma casa, uma linda e luxuosa casa.

— O que há aqui, afinal? — perguntei e, ao virar-me para encarar Giovane... surpreendentemente, vi-o a ganhar impulso para me empurrar da varanda. Fui surpreendido, desequilibrado, tentei evitar cair, mas era tarde demais.

Estava próximo das grades, o corpo inclinado para o outro lado. Tentei segurar-me nas grades, mas não consegui. Caí. A queda foi curta, e em pouco tempo já estava na piscina daquela casa, em cima de um colchão inflável de piscina Ibiza, mas afundei logo em seguida. Nadei até sair da água.

Olhei para cima e vi Giovane a rir-se, afastando-se lentamente. Foi tão rápido que me sentei no chão, tentando entender a situação.

Numa sexta-feira – noite complicada



A resistência do acusado

— Sabe qual é a punição para um homicídio? — questionou o polícia.

— Eu juro, senhor, não sou culpado, sou inocente — respondi quase chorando. — Nunca cometi crime algum, podem verificar nas fichas, nunca fui detido sequer. Meu Deus, ajude-me.

— Ok, já chega, pare de berrar, rapaz... temos uma testemunha — disse o polícia. — O dono da residência disse que viu você.

— Eu quero ver provas concretas, senhor... tenho direitos — respondi.

— Provas? — questionou o polícia.

— Uma testemunha é uma prova, jovem — respondeu um dos agentes dando um soco sobre os livros pousados na mesa.

— Será a minha palavra contra a dele, não? — falei.

— Mas, você estava ou não na residência? — questionou um dos polícias.

— Estava, senhor — respondi.

— Então? — questionou o polícia.

— Eu posso explicar — sugeri.

— Explica — falou o polícia, aborrecido.

— Simplesmente..., caí — falei.

— É difícil acreditar que você caiu no quintal acidentalmente, ou foi uma tentativa de suicídio? — questionou o polícia.

— Não, senhor, foi um acidente — respondi.

— Essa história não me cheira bem — respondeu o polícia, desconfiado.

— Tens de confessar, será melhor para todos — sugeriu outro polícia, sorrindo. — Vamos simplificar este processo, ok? Estou farto disso — continuou.

— Este miúdo é armado em esperto — reclamou um dos polícias.

— Mas, como vou concordar com algo que não fiz? — questioneei, indagado.

— Ok, ok, já chega, ainda temos muito que ouvir — disse o comandante.

O testemunho de Kikas

— dono da residência

— Sim, é ele mesmo, vi-o a correr para fora da minha residência quando o portão foi aberto — disse Kikas, após o polícia ter-lhe mostrado uma fotografia!

— O senhor tem certeza do que diz? — questionou o polícia.

— Claro, senhor, fiz inclusive uma fotografia — continuou Kikas! — E tão logo entrei, naquele dia só a minha mulher estava em casa. Preocupado, procurei por ela por toda parte, mas não a encontrava.

— Ninguém além da sua mulher estava em casa, certo, senhor? — questionou o polícia, enquanto anotava.

— Sim, por isso corri para dentro de casa, estava assustado, não sabia quem era aquele sujeito.

— E, chegando próximo à piscina, além da movimentação da água, notei que... — Kikas começou a lacrimejar.

— Senhor, seja forte e continue... — o polícia o encorajou.

— Mas, é difícil para mim... — continuou, com rosto entristecido. — É que quando fui ver, na água tinha algo estranho, aproximei-me, estava desconfiado... Aos poucos, fui a entrar na piscina... tomei um susto, quase afoguei-me.

— Nesse instante que o senhor encontrou o cadáver da sua mulher, senhor? — questionou o polícia.

— Sim, senhor — respondeu Kikas, com voz trémula, olhos avermelhados, lágrimas escorrendo.

— Obrigado, senhor, por favor, aguarde-nos na sala de espera — disse um dos polícias.

O testemunho de Kivuidi —
empregada da residência

— Então, senhora Kivuidi, certo? — questionou o polícia.

— Sim — respondeu.

— Vamos ser breves, porque há ainda muita gente a falar.

— O que a senhora viu naquele dia?

— Senhor, eu juro, sou inocente — respondeu Kivuidi.

— Não sei de nada, senhor — continuou.

— Ninguém acusou a senhora. Queremos apenas ouvi-la, pode ser? Diga-nos o que viu naquele dia, é simples.

— Mas, eu não vi nada, nadinha mesmo.

— A senhora não está a entender, só pode!

— Mas, senhor, não sou culpada.

— Parece que isso vai ser mais difícil do que imaginei — disse um dos policiais. — A senhora trabalha na casa que agora é o local do crime, é normal que a polícia interrogue.

— Mas, sou honesta, olhem bem para mim, tenho cara de assassina?

— Não perguntei isso! — berrou o polícia. — Assustada, Kivuidi começou a chorar...

— Tenho filhos, sou mãe batalhadora e religiosa, seria incapaz de cometer esse tipo de crime.

— Senhor, parece que essa mulher esconde algo — sugeriu um dos policiais.

— Sim, ela deve saber de alguma coisa.

— Tanto drama para quem é inocente, ou começa a falar, ou fazes uma ligação para te despedires dos teus filhos.

— Mas, eu não fiz nada.

— Então diz logo o que sabes.

— Já estou farto, vamos prendê-la, talvez revele o que sabe — disse o polícia.

— Mas, senhor, eu não matei.

— Ok, você não matou, mas viu algo ou notou algo de diferente?

— Sim, ou melhor, não... Não foi relevante.

— Pelos vistos, você tem informação que não quer revelar.

— Senhor, eu sabia, ela está muito dramática.

— Acho melhor despacharmos isto, vamos simplesmente detê-la, é mais fácil, ela abrirá a boca após a punição, senhor.

— Sim, prenda-a.

— Não, não, não, por favor, eu falo.

— Então, fala logo, porque não temos o dia todo.

— Não sou culpada, juro.

— É a mesma desculpa, tirem-na da minha frente, agora.

— Não sou culpada, juro. Naquele dia eu saí às 14h e o que fiz nem causa morte de alguém, pelo menos não causou.

— O que você fez afinal?

— Bem, não matei ninguém, aproveitei apenas enquanto a patroa tomava banho para procurar algo de valor. Eu já estava prestes a sair daquela casa, e já estava há meses sem receber. Admito que roubei seu anel de casamento, nada mais. Não matei ninguém, juro.

— Ok, já chega, tirem-na imediatamente, resolveremos esse caso depois.

O testemunho de Kwema
— o motorista da residência

— Sinceramente, senhor, não tenho muito que explicar. Eu saí às 14h, para uma revisão ao carro, e quando voltei, a residência estava sob cobertura da polícia, nem consegui entrar sequer.

— Mas, o senhor apercebeu-se de algum comportamento estranho?

— Não, senhor, ou melhor, sim... Na realidade, é algo muito pessoal.

— Como assim, muito pessoal?

— É algo que acontece com todo casal.

— Não estamos a entender-te, sê mais claro.

— Estaria a invadir a privacidade dos patrões.

— Toda informação é necessária, é um caso de assassinato, e você quer esconder informação?

— Não, senhor.

— Então?

— Refiro-me a brigas.

— Eles brigavam muito?

— Não posso afirmar com clareza. Mas, o meu patrão sempre reclamava da mulher. Ouvi eles brigando apenas uma vez.

— E teve violência doméstica?

— Não sei.

— Não sabe?

— Sim, não sei, nunca presenciei uma luta sequer.

— Ok, ok, obrigado pelas informações.

— O senhor aguardará até que o comandante o libere, ok?

— Sim, senhor.

— Pode sair, por favor?

— Sim, claro!

(...)

— Esse rapaz parece-me suspeito.

— A mim também.

— Ele é muito frio.

— Sim, senhor, ele deve ter alguma informação.

— Sim, também acho, seria bom se tivéssemos uma daquelas máquinas de detectar mentiras. Mas, vamos ficar atentos, ou ele será interrogado novamente.

— Sim, senhor, não me convenceu mesmo. Uma porrada talvez resolveria.

— Que exagero!

— Sim, ele pareceu-me arrogante.

— Não vamos exagerar.

— Mas, há coisas que só se resolvem com porrada, senhor.

— Você é exagerado, vamos seguir os padrões certos, devemos ser inteligentes, vamos analisar.

— Com palavras, eles nem sempre ouvem, às vezes, é preciso agir. A empregada, por exemplo, merecia levar umas boas bofetadas, senhor.

— Você é muito agressivo.

— Somos todos, senhor.

— Ok, vamos continuar — respondeu, sorrindo!

O testemunho de Giovane Akimpa

— Senhor, Giovane, certo? — questionou o polícia.

— Sim, senhor — respondeu.

— Então, pode dizer-nos o que viu naquele dia? — questionou o polícia.

— Bem, para ser sincero, foi um dia muito chato, nem consegui trabalhar devidamente, pois afinal, era sexta-feira — falou sorrindo.

— Senhor, aqui não é lugar para palhaços, ok? Estamos diante de um caso de assassinato, vamos ser sérios.

— Sim, senhor, peço desculpas.

— Não temos o dia todo, vamos despachar.

— Bem, naquele dia notei algo estranho apenas no final do expediente. Estava de saída porque naquele dia teria uma desinfestação na empresa. E, saímos cedo, 14h, se bem me lembro. O elevador do edifício estava com problemas, então fui obrigado a usar as escadas. E notei que algo estranho acontecia quando parei no primeiro andar. E olhei para uma das janelas que ainda era reparada e vi alguém sendo afogado. Não sei ao certo o que se passava.

— Calma, rapaz, calma aí. Você presenciou o assassinato?

— Sim, senhor.

— E você conhece o agressor?

— Não, senhor.

— Mas, era um homem ou mulher?

— Era um homem, senhor.

— Você tem a certeza?

— Sim, tenho, senhor.

— Mas, você consegue descrever?

— Não entendi, senhor.

— Tipo, um retrato falado.

— Não, senhor.

— Mas, se te mostrássemos uma fotografia, seria fácil identificar?

— Acredito que sim.

— Ok, pode nos acompanhar?

— Para onde, senhor? Não fiz nada.

— Ninguém o acusou de nada, estás muito assustado, não?

— Mas..., sou inocente, juro.

— Tudo o que o senhor disser, será usado contra você.

— Está bem — levaram-no à sala de espera, onde se encontravam as testemunhas.

— Podes apontar se a pessoa que o senhor viu se encontra nessa sala?

— É aquele? — apontou o polícia, na direção do motorista da residência.

— Eu conheço ele.

— Não queremos saber disso, rapaz. É ou não é?

— Não, não é.

— É aquela senhora?

— Não, também não.

— E aquele senhor?

— Sim, ele mesmo, senhor. É ele, é ele, senhor... este mesmo, o assassino! — berrou apontando ao dono da residência, e todos da sala olharam para ele.

Nesse instante, o dono da residência tentou escapar, mas foi detido.

O testemunho do segurança da empresa

— Pode nos dizer o que o senhor viu naquele dia? — questionou o polícia, olhando para o relógio, que marcava 21h!

— Claro, senhor... Por volta das 14h de hoje, decidi fazer uma ronda no edifício. E, fiquei parado no segundo andar, observando a vista, para relaxar um pouco. Aproximei-me do limite da varanda, e olhando para baixo. Pouco tempo depois, tomei um susto, vi alguém caindo bem na direção da piscina do quintal e logo notei que era um dos funcionários daqui.

— Funcionário? — questionou o polícia.

— Sim, um dos funcionários, um entre esses miúdos novos, estagiários.

— Ok, o que mais viu, senhor?

— Na realidade, após ver que ele caiu, tentei correr para o socorrer. Mas, notei que mais alguém

estava no local. A pessoa aproximou-se do limite da varanda do primeiro andar, olhou para baixo e recuou, era outro dos funcionários, que também é estagiário. Nesse instante, corri para às escadas o mais rápido possível, chegando ao primeiro andar, olhei para baixo e vi que o jovem estava em pé no quintal, próximo à piscina. Logo depois, o portão abriu-se e o dono da residência entrou com o carro. O portão é automático, senhor. Quando o dono da residência viu o rapaz, aos berros, foi a chamar nomes a eles. O rapaz, assustado, saiu correndo... Parecia desesperado. Naquele momento, a mulher do senhor saiu, estava de toalha.

— O que aconteceu depois? — questionou o polícia.

— Aos berros, o marido questionou a mulher sobre o que se passava ali. — disse o segurança — Aquilo foi mais ou menos assim, senhor:

— Não sei, juro que não sei — disse a mulher.

— Como não? No instante em que chego a casa, um homem sai correndo? — questionou o marido!

— Mas, eu não sei de nada — respondeu.

— É seu amante?

— Não, não é.

— Você é uma traidora...

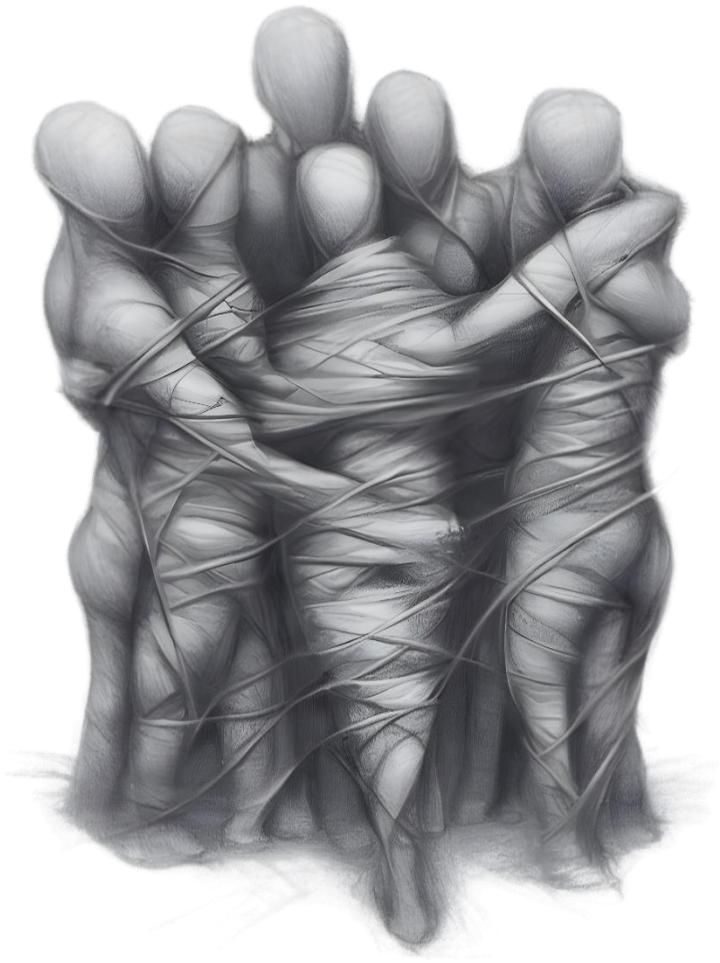
(...)

— Bom, foi uma briga feia, senhor — disse o segurança, após ter contado tudo o que viu — após isso, o senhor deu as costas avisando a mulher que ele sairia da casa. E quando a mulher tentou segui-lo, ele deu uma cotovelada no rosto dela. Ela recuou, o chão estava escorregadio, desequilibrada, bateu com a cabeça no chão e caiu na piscina. Foi aí então que chamei logo a polícia.

— É tudo, senhor?

— Sim, é tudo. Hoje foi um dia complicado.

Laços perigosos



Ser surpreendido a dançar distraído causa uma sensação de vergonha, mas a experiência é ainda mais avassaladora quando quem nos surpreende é alguém que admiramos. É um constrangimento que transcende todas as palavras, excepto, talvez, quando somos apanhados a falar mal de alguém.

Eu podia entrar e deixá-los numa situação constrangedora, pensei.

Mas não, não posso estragar esse momento tão rápido. Preciso ouvir o máximo possível de disparates que eles vão dizer, continuei pensativo.

Hoje em dia, é difícil reconstituir o discurso que ouvi, mas recordo-me instantaneamente das crianças a contribuir com comentários mordazes, risos e gargalhadas que se soltavam quando um deles escarnecia do insucesso evidente de alguém. Faziam troça da desgraça alheia.

Deu-me a impressão de que reuniões semelhantes ocorriam frequentemente naquele lugar, com um número aparentemente infindável de pessoas a comentar e momentos em que recordavam ter já expressado ideias semelhantes. Comecei a considerar a possibilidade de que aquele ódio que carregavam já existisse há muito tempo. A conversa durava, silenciosamente, há pelo menos 26 minutos

desde que me aproximei do portão e fiquei ali imóvel, a ouvir.

Por azar, o despertador do meu telefone tocou, e eu fiquei tenso e desconcertado. Temi que eles tivessem ouvido. Rapidamente, tirei o telefone do bolso e desliguei o alarme. No quintal, fez-se um silêncio repentino. Ouvi passos a aproximarem-se do portão. Sem muitas alternativas, corri para uma loja “*Bem Me Quer*” que estava ali próxima e escondi-me... Ao entrar na loja abruptamente, as pessoas ficaram assustadas e olharam-me. Na verdade, eram apenas dois clientes e o funcionário da loja. Puxei a cadeira que estava próxima do balcão e sentei-me, olhando-lhes com um sorriso no rosto, e disse:

— Esta sede ainda vai ser a minha ruína.

Os clientes fitaram-me intensamente, sem reagir, voltando a focar a sua atenção nas prateleiras e continuando com as suas compras. O funcionário da loja olhou para mim, sorriu e informou:

— Temos apenas garrafas de água de 150 Akz.

— Está bem — respondi, enquanto olhava pela janela, observando o jovem que saiu do quintal. Não demorou muito para que mais dois rapazes saíssem, olhassem ao redor e regressassem ao interior.

Dirigi-me ao funcionário e paguei pela garrafa de água. Saí da loja e comecei a caminhar em direção à paragem de táxi, enquanto apenas uma pergunta ecoava na minha mente:

— A quantos laços perigosos estou ligado, sem sequer o saber?

Agradecimentos

Agradeço a mim mesmo e a ti, estimado *Leitor*, por estarmos aqui juntos nesta jornada literária:

A mim, pois vejo a literatura como um veículo para partilhar a minha perspectiva única com o mundo, uma forma de expressar o que observo e sinto nas entrelinhas da vida.

A ti, que, de forma quase *zen*, diriges o teu olhar para as páginas desta nova edição do livro, mergulhando profundamente no presente, onde as nossas mentes se encontram.

É através dos meus olhos, através das palavras que teço, que te convido a embarcar numa viagem conjunta, explorando os recantos da imaginação e da reflexão.

Sobre o autor

Zau Maiano é Engenheiro de Software (ao dia), Escritor (ao anoitecer) e Humano (ao amanhecer).

Nascido aos 15 de Dezembro de 1998, em Luanda, Angola. Começou a escrever em 2018 e actualmente é Escritor na Mar Morto – Editora.



Mar Morto

A Companhia Artística “Mar Morto” (CAMM), foi fundada a 1 de dezembro de 2019 por Marco Polo ao lado de Josias Currie e Marcia Mendes.

A companhia tem como objetivo divulgar e apoiar as carreiras de artistas essencialmente nacionais, desde os veteranos aos iniciantes. Dando a qualquer amante da arte a oportunidade de mostrar seus talentos do interior para o mundo.

Incitar a criatividade pessoal é marca da companhia.

A companhia está vinculada à Mar Morto – Editora. E aos serviços da editora, tenciona publicar livros através de projetos pessoais e antologias diversas proporcionando um senso de realização a novos escritores e desenvolver de maneira regular o hábito de leitura na sociedade em geral.

Se desejar mais informações ou solicitar nossos serviços, entre em contacto:



Estrada a direita da Samba, Rua dos Franceses, junto a Farmácia Central, Luanda, Angola



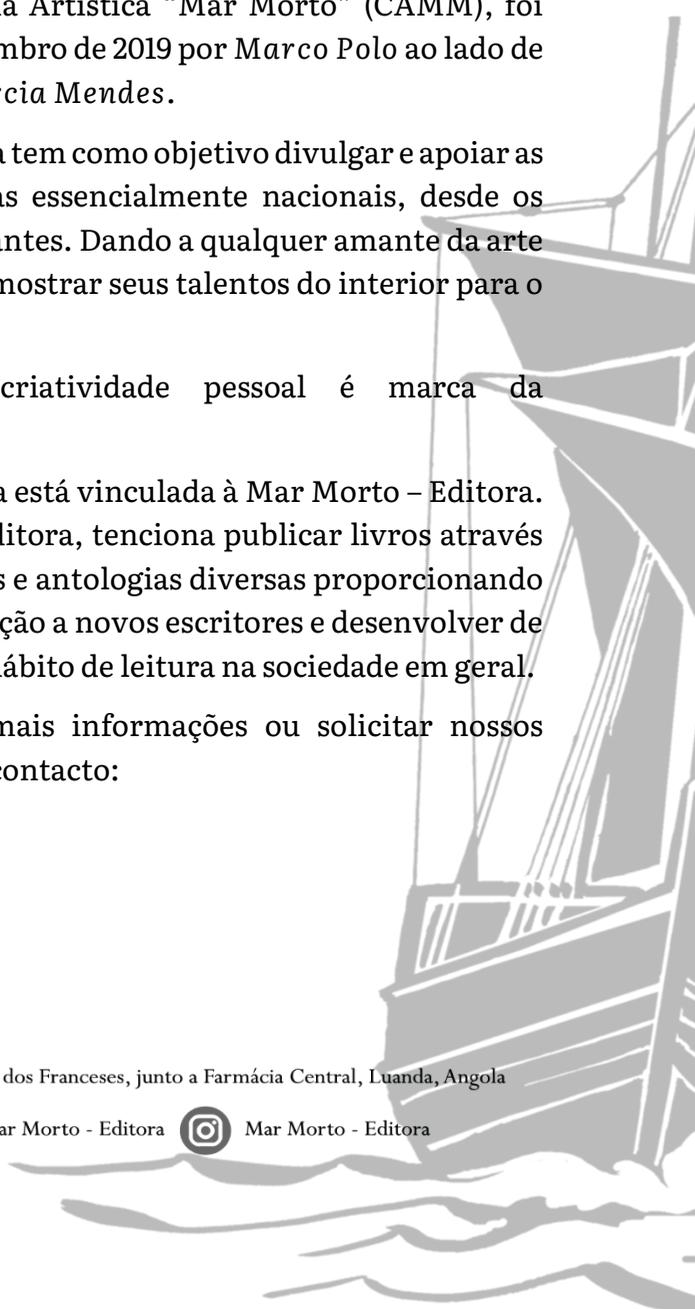
(+244) 924 857 709



Mar Morto - Editora



Mar Morto - Editora



Obras da “MAR MORTO – Editora”

1. O CRIME QUASE PERFEITO – Vivendo Por Duas Vidas, Marco Polo
2. TEXTOS PARA DEPOIS do Amor e Outras Decepções, Marco Polo
3. MYHIRA e outros poemas de dor, Jessira Kissama
4. PRINCESA DESENCANTADA, Zoé Kifembe
5. AMOR À PRIMEIRA VISTA e mais uma semana para confirmar, Marco Polo
6. EU TINHA QUE DIZER OBRIGADO, Manuela Andrea
7. RASCUNHOS DE QUEM NÃO QUIS ESCREVER, Isis Ramalho
8. BLÁ BLÁ BLÁ – Textos inesperados Vol. 1, Josias Currie
9. MARCAS DE TINTA VERSOS DA VIDA, Isabel de Lourane
10. CASTELOS PARA LÊ-LOS, Fernando da Silva
11. O DIÁLOGO COM A MINHA PRÓPRIA SOMBRA, Jeonário Anthony
12. NOSTALGIA – Antologia, Diversos autores
13. ENSAIO sobre a exclusão social de deficientes físicos, Dionísia Daniel
14. ECOS DE UMA TRAJECTÓRIA, Mateus Zua
15. OS QUE COMIAM IAM-SE EMBORA, Mero Panzito
16. AMOR PECADOR, Tchiza
17. PÉTALAS SEM PÉROLAS, Kulanda Kutima
18. PALAVRAS QUE FEREM, MATAM e outros contos, Zau Maiano
19. O CRIME QUASE PERFEITO – Passado em chamas, Marco Polo
20. A SOMBRA NEGRA DE UM REI, Jelson Angelino

21. MÁGOAS, Nzakimwena e Mwalafaia
22. A AMARGA INOCÊNCIA DE AMÁLIA, Júlia Bragança
23. DO AMOR AO AMOR, Isabel de Lourane
24. AMOR À PRIMEIRA VISTA e mais um ano para confirmar,
Marco Polo
25. O AMANHÃ NÃO EXISTE, Mateus Pena
26. TEORIA DA SELECTIVIDADE, Faustino Fraco
27. NO CAMINHO DAS COISAS, Hélio Melodia Das Neves
28. EMENDAS, Hélio Melodia Das Neves
29. FALEI VERDADES E FECHARAM-SE AS PORTAS, Fernando
da Silva
30. PASSADO SEM HISTÓRIA, Teriolo
31. O LIVRO QUE NUNCA FOI LIDO, Faustino Geraldo
32. NUNCA MAIS VOU FUMAR, Príncipe Nádio
33. O CÓDIGO DOS NIGGAS Vol. 2, Divua Antônio
34. ABRI-ME EM VERSOS, Luís Carlos Naval
35. OS MONSTROS TAMBÉM SENTEM, Luís Vidal
36. TEXTOS PARA DEPOIS da Morte e Outras Frustrações, Marco
Polo
37. OS QUE COMIAM IAM-SE EMBORA VOL. 2, Mero Panzito
38. AS MORTES POSSÍVEIS, J. Currie
39. VOZ D´OIRO, Otchaly Manzambi
40. UM PORTO SEGURO TÓXICO, Deusa Luimi
41. DO AMOR AO AMOR QUE CURA - VOL. 2, Isabel De Lourane
42. ERA UMA VEZ 17 ALUNOS 17 HISTÓRIAS
43. BLÁ BLÁ BLÁ – CONTOS E ANOTAÇÕES, J. Currie
44. AZUL E BRANCO NO MUNDO DE ILUSÕES, José Da Silva
Pinto